

Quando começou o filme *Parasita*, de Bong Joon-ho, lembrei dos filmes e novelas do padrão Globo nos quais há uma distinção artificial entre pobres e ricos. Artificial porque eles se parecem fisicamente, os atores e atrizes poderiam inverter os papéis e sem prejuízo estético na trama. A casa meio-porão é milimetricamente produzida para parecer pobre e os ricos vivem luxuosamente na casa de arquitetura conceitual, que também lembra os programas de reformas do Discovery Channel. A riqueza é a pobreza são pasteurizadas e produzidas como uma simetria invertida que se parece com um padrão audiovisual e não a realidade mesma.

A parte inicial do filme é uma comédia, o bom humor e a descontração são o modo de vida dos pobres e sua malandragem se contrapõe a ingenuidade dos ricos aos quais somos apresentados por intermédio de Min, amigo de Kin-Woo que o introduz a família rica uma vez que vai viajar e precisa achar um professor substituto de inglês para a filha.

Kin-Woo é malandramente aceito através de uma boa lábia e um diploma falso e, sorrateiramente introduz todos os seus familiares para parasitá-la – a irmã como arte-terapeuta do menino traumatizado, o pai como motorista e a mãe como governanta. Há uma enxurrada de estereótipos para apresentar essa desigualdade e a sua crítica tende a pasteurização, fruto do bom humor dos que vivem na pobreza do semi-porão onde bêbados mijam na janela e da alegria fútil da família rica. Obviamente que o filme tem o seu mérito de nos fazer saber que há desigualdade na Coreia do Sul, ficamos sabendo que uma vaga de limpeza chega a ter 500 universitários concorrendo. E esse cenário parece se contrapor ao senso comum que o jornalismo nos faz crer de que lá tudo vai bem.

Aliás, tudo vai bem mal na Coreia, pois descobrimos que o parasitismo vai além da malandragem da família de Kin-Woo. E é aí que a tragédia vem num misto de embriaguez, chuva e um bunker subterrâneo.

Em meio a uma viagem para comemorar o aniversário do menino rico mais novo, traumatizado com o fantasma que viu uma noite na cozinha da casa, eis que a família parasita se embriaga imaginando um casamento de Kin-Woo com a aluna que os traria para aquela vida luxuosa. Mas a antiga governanta surge e revela que seu marido vive escondido no bunker secreto da casa, era ele o fantasma que assustou o menino. Ele fuge dos credores de suas dívidas, contraídas em um empreendimento malsucedido. É a partir daí que a comédia assume tons violentos e estamos em uma tragédia. O bunker foi construído contra as ameaças atômicas e era o segredo da ex-governanta e este segredo é contraposto pela descoberta de que todos os novos funcionários são uma família – os parasitas passam então a guerrear pelo direito de continuar sendo parasitas.

O título se justifica nessa tragédia disputa, os parasitas vão se eliminar na disputa pela fonte de onde sugam sua sobrevivência. E o processo é acelerado pelo repentino retorno da família rica, em virtude do dilúvio que cai na cidade. O grupo familiar consegue voltar a aprisionar o casal parasita no bunker subterrâneo, mas nesse processo a desigualdade ganha os contornos mais contundentes. Isso porque nas situações criadas no momento em que estão todos na mesma casa, acentua-se a crítica ao cheiro ruim do motorista, seu cheiro de pobre, assim como os mimos que a família rica

depreende ao filho mimado com sua barraca americana a prova de água e seu prato favorito que é desprezado, o sexo burguês no sofá sem tirar o pijama da família rica, no alagamento do porão da família pobre, no esgoto que jorra da sua privada, na disputada pelas doações no ginásio improvisado para as vítimas das inundações. Nesse momento final a desigualdade social está menos pasteurizada e a tensão só aumenta no dia seguinte quando a mãe rica resolve organizar uma festa de aniversário na qual a família parasita terá um papel importante. O pai é mula de carga das compras exageradas da mãe, a mãe tem que montar a festa a partir de exigência tolas, a filha terapeuta entregará o bolo para o menino e Kin-Woo beija sua aluna em meio a intenção de invadir o bunker e resolver o problema dos outros parasitas.

A pedra da sorte que Min havia dado a Kin no começo do filme deixa de trazer prosperidade a família e principia a tragédia final que se instaura. Kin a havia levado para tentar matar o marido da ex-governanta, mas a pedra serve para lesionar Kin e abrir as portas do subterrâneo que libera o fantasma para conduzir as mortes da tragédia final.

No fim, o que restou da família rica muda-se da casa, outra família rica vem a ocupa-la, assim como um novo parasita vai ocupar o porão nessa tragédia que vem do subterrâneo. No final vemos o pessimismo de Bong de que esta estrutura desigual da sociedade dificilmente será transformada. Não há conciliação entre os polos da dicotomia entre ricos e pobres e não há superação dessa dicotomia, ao final do filme, o desejo de Kin é enriquecer e poder comprar a casa. A pasteurização inicial e o tom de que as coisas são assim mesmo só são rompidos no momento de tragédia que talvez seja o mais interessante do filme, por renovar este gênero dramático tão antigo.